

A Visita à Comunidade Quilombola

Depois de participar do Encontro de Economia Solidária, nosso grupo de companheiros decidiu visitar a comunidade quilombola onde Jamila morava. Carlos, da cooperativa de catadores aceitou dirigir, levando Luiza, Mel e Maiara. Ao chegarem à comunidade no meio da tarde, foram calorosamente recebidos pelos moradores, com café, bolo, raízes e suco de frutas da região. Era a maneira tradicional de acolher os visitantes.

A visita começou com uma caminhada guiada pela comunidade, onde os visitantes puderam ver de perto como a história não é apenas uma narrativa do passado, mas sim um fio condutor que forma a identidade da comunidade e impulsiona o turismo local.

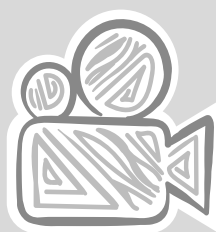
A jovem quilombola Jamila começou explicando: “Nossa história é mais do que eventos passados; é a base de quem somos e do que fazemos hoje. É através dela que preservamos nossas tradições e fortalecemos a luta pelo nosso local e nossa cultura. Quando turistas chegam aqui, não estão apenas visitando um lugar, mas se conectando com décadas ou séculos de tradição. É como entrar numa máquina do tempo e descobrir um passado que ainda está muito presente.”

Enquanto caminhavam, passaram por um terreiro central, onde uma grande árvore se destacava. “Essa árvore é um marco da nossa comunidade, um símbolo de resistência. Debaixo dela realizamos festas e rituais, aqui as crianças brincam e aprendem os costumes do nosso povo e assim como nós ela tem muita força porque suas raízes são muito profundas. Nessa árvore nossos antepassados se reuniam

para tomar decisões importantes. Na sua sombra os avós contaram as histórias do cativo e da luta pela liberdade. Por aqui a história vai passando de boca em boca, de geração em geração, diferente das histórias que lemos nos livros. Não faz tanto tempo que chegou a luz elétrica e antes era em torno da fogueira e do lampião que as pessoas reuniam para conversar. É uma pena que agora alguns jovens ficam olhando o telefone celular e não vão saber como contar essas histórias para os seus filhos...”

Todos contaram de árvores, praças e outros marcos importantes para juntar as pessoas em suas comunidades. O que mais chamou atenção foi quando Mel explicou a origem do nome Favela, que todos pensavam que eram como bairros de pouca infraestrutura urbana, mas tem outro significado.

Você sabia disso?



Favela - “fava pequena” é uma planta também conhecida como mandioca-brava. Era abundante no morro que levava esse nome no local onde os seguidores do beato Antônio Conselheiro montaram seus assentamentos em Canudos, no interior da Bahia. Os sertanejos, revoltados pela miséria e fome, esperavam um milagre que os salvasse dos horrores do clima e da pobreza.



Os fazendeiros da região, temendo serem saqueados pelo crescente número de miseráveis, pressionaram o governo a tomar uma atitude. Foram enviados combatentes do exército brasileiro, que dizimaram os religiosos no episódio conhecido como a Guerra de Canudos.

Ao retornarem ao Rio de Janeiro, alguns dos soldados que participaram da guerra se instalaram em construções provisórias no Morro da Providência. Por ser um ponto elevado em relação à cidade, semelhante a Canudos, ou talvez pelas lembranças da vitória contra os religiosos, os novos moradores começaram a chamar o lugar de Favela.

O termo se espalhou pelo Brasil na década de 1920, como qualquer aglomerado de habitações improvisadas e sem infraestrutura.

Milhares de indígenas também migraram para a periferia das grandes cidades em busca de condições de sobrevivência, depois de terem suas terras invadidas e degradadas. Esses indígenas não aldeados lutam para manter sua identidade, conservando a língua, ritos e costumes e contando às novas gerações as histórias dos seus antepassados.



Saiba mais: Migrações indígenas para as cidades: características e consequências



Jamila comentou: “Ao criar roteiros turísticos que valorizam nossas narrativas, não só preservamos a memória de nossos antepassados, mas também fortalecemos nossa comunidade.”



Atividade prática:

Identifique na sua comunidade uma árvore, praça, casa ou um outro local que tenha um simbolismo forte. Discuta o seu significado para os moradores e o que acontece nesse espaço. Avalie se está bem cuidado e o que poderia ser feito para melhorar. Como vocês apresentariam esse marco para um visitante? Que atividades poderiam propor para os visitantes fazerem lá, para que levem lembranças marcantes?

Você sabia disso?

O uso da HISTÓRIA fortalece a identidade local, aumenta a união da comunidade e cria um senso de pertencimento. Também oferece aos visitantes experiências enriquecedoras, ampliando o conhecimento histórico e cultural sobre o nosso passado comum, como a escravização das mulheres e homens negros. Além disso, conhecer os marcos e símbolos ancestrais pode impulsionar a economia criativa. Esses símbolos podem se tornam marcas, logotipos, imagens para lembranças e artesanatos, gerando renda e valorizando essa cultura. Ao investir no estudo e conhecimento da sua própria história, as comunidades e povos tradicionais constroem um futuro mais sustentável e solidário.

A História é a ponte que liga o passado ao presente, permitindo que aprendamos com as experiências de nossos antepassados e construamos um futuro mais justo e informado. É o espelho que reflete a identidade de uma sociedade, revelando suas origens, seus valores e suas conquistas. Ela nos permite entender quem somos e de onde viemos e nos inspira a pensar para onde queremos ir.

Enquanto o grupo caminhava pela comunidade quilombola, uma condutora local, Dona Maria, falou sobre quilombo: “No passado, após fugirem das senzalas e plantações, os africanos escravizados e seus descendentes criaram comunidades. Os quilombos eram locais de refúgio também para indígenas, mestiços, entre outros, de forma temporária ou permanente.”

Jamila completou: “Engana-se quem pensa só em fuga. Os quilombos eram e ainda são espaços de resistência. Essas comunidades são muito mal retratadas, como forma de minimizar a força do povo negro. Coisa do racismo estrutural.”

Dona Maria continuou: “E essa resistência persiste. Se pensarmos nas favelas de hoje, veremos que elas têm uma relação histórica com os quilombos. As favelas surgiram como espaços de moradia para aqueles que foram marginalizados pela sociedade, incluindo descendentes de quilombolas. Assim como os quilombos, as favelas são frequentemente condenadas e negligenciadas pelo poder público, mas são também locais de grande resiliência e organização comunitária.”